



ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

Propriedade da
Irmandade de Nossa Senhora das Preces
Telefone 192 de Galizes

Director e Editor
P.^e Mário Oliveira de Brito

Redacção e Administração
Aldeia das Dez — Oliveira do Hospital
Comp. e Imp.: «Gráfica de Coimbra»
Bairro de S. José, 2 — Coimbra — Telef. 2857

TURISTAS E VISITANTES

De ano para ano cresce o número de turistas que vêm à Senhora das Preces. Durante todo o ano, mas especialmente nos meses de verão, muitas centenas de carros despejam milhares de admiradores do mais lindo Santuário da Beira. Este ano até por muitos estrangeiros já foi visitado. Uns vêm e ficam tão admirados de encontrarem coisa tão linda num recanto da serra que passam palavra a pessoas conhecidas e amigas; outros ficam surpreendidos de isto não ser mais conhecido nos meios citadinos e apelam para o Turismo, para que ele venha e faça coisas lindas. Mas a verdade é que eu não sei onde mora o Turismo. Sei que há Comissões, fazem-se congressos mas de Coimbra acima não sei quem é que pertence a esses organismos e que possa interessar-se pelo assunto. Se alguém souber, passe-me palavra que eu irei bater à porta.

Pois como ia dizendo este lindo rincão da Beira está a ser muito visitado e até já cá chegou, infelizmente, o modernismo: gente meio vestida e mulheres vestidas à moda dos homens. Isto de quererem ser homens à força é um caso muito sério...

Muitos visitantes percorrem tudo, querem ver tudo, querem saber tudo e a gente vai explicando, mas eles é que se não explicam... eles olham para tudo e nós ficamos a olhar para eles. Outros depois de tudo verem, entram na capela e vão ali deixar as suas esmolas. É que reconhecem que o Santuário vive de esmolas, e para que tudo esteja lindo e para que se possa fazer mais e melhor é preciso dinheiro e muito dinheiro.

Várias notícias

Na Bobadela já foi inaugurada a luz eléctrica e abastecimento de água.

+

Para o ponto mais alto da Serra da Estrela anda a ser construída uma estrada de grande importância estratégica e turística.

+

Para a construção do quartel da Guarda Republicana em Oliveira do Hospital, foi concedida a verba de 100 contos.

Senhora das Preces — Edição terrena do Paraíso

Pelo DR. FRANCISCO CORREIA DAS NEVES

«Ao generoso homem, ilustre Beirão e dedicado Amigo da Senhora das Preces — Dr. Agostinho Vaz Patto».

Senhora das Preces é a forte expressão de dois imortais valores: Religião e Arte.

É bem conhecido em toda a Região o significado religioso deste bendito rincão português. Aqui existe o gracioso Santuário da Senhora das Preces; as célebres Capelas que guardam figuras e quadros de escultura, representando episódios da Vida de Cristo; e aqui se realiza a mais famosa Romaria das Beiras e uma das mais imponentes do País.

Julgo ter crescido de ano para ano a devoção religiosa por este verdadeiro Altar da Beira, erguido na encosta do formidável Monte do Colcurinho.

Mas, a par do alto valor religioso, outro motivo nos prende a tão fantástico recanto: é a sua magnificência panorâmica e artística que, acompanhada duma propícia altitude, lhe dá uma excepcional importância turística.

Não insisto no significado religioso deste privilegiado local. Ele está compreendido pelo Povo, a devoção à Senhora das Preces, que ali se venera, penetrou fundo em todos e permanecerá para sempre, pois eu creio na necessidade religiosa de todo o homem, embora acredite também na simulada despreocupação de muitos...

Por agora, eu pretendo apenas, com a simplicidade das minhas palavras, mostrar, aos que ainda se não aperceberam da grandiosidade de tão sublime recanto, a excelência paisagística, o valor artístico e a importância turística dos seus quadros e elementos.

E para tanto, nada melhor do que convidar o leitor a acompanhar-me num passeio e acreditar no que lhe digo...

Vamos partir, por exemplo, de Oliveira do Hospital.

É além, na subida daquele majestoso monte, que nós iremos parar.

No alto — não vê? — brilha o campanário da Senhora das Necessidades. Dali se avista o Mundo e o coração humano se sente maior por melhor sentir a sua pequenez!

Ali nos sentimos maiores por nos sentirmos mais pequenos... Paradoxo? — Não. O Homem só é grande quando reconhece que é pequeno!

Sigamos pela Catraia. Vê agora melhor? Já estamos mais perto. da Serra e um tanto amortecido pelas cores sombrias dos pinhais da Serra e um tanto amortecido pelas cores sombrias dos pinhais — é Aldeia das Dez. Já lá passamos.

Um pouco acima é Vale de Maceira. Não se mostra abertamente de tão longe.

Quer seduzir-nos mais de perto... para que não haja ilusões!

Não tardaremos... é um salto — creia.

Agora, vamos deixar a Estrada Nacional e cortamos directamente para lá.

Por enquanto, nada de especial: pinheiros, — os eternos tons da nossa paisagem — milhares, homens da enxada, bela sombra na estrada, interrompida de quando em quando por um sol ardente mas saudável, bons ares e, sobretudo, muita esperança e agradáveis promessas.

Agradáveis promessas... Como vê, não minto! Por aqui abaixo se estendem as famosas «Varandas de Avô».

(Continua na 2.ª pág.)

Estrada apertada e curvas perigosas

Quando se abriu a estrada para a Senhora das Preces nunca se previu o movimento que viria a ter e por isso a estrada ficou estreita, à maneira de via reduzida.

Mas a «Voz do Santuário» começou a fazer barulho, a sua voz é ouvida lá ao longe e de todas as partes de Portugal vêm por aí fora luxuosos e confortáveis autocarros, enormes camionetas de 40 e tantos lugares vendendo-se em sérios apuros para poderem passar. Os motoristas vêm ter comigo: ó Senhor Prior mande alargar a estrada, como se eu tivesse culpa de a estrada ficar estreita, ou se eu tivesse poder para alargar estradas. Como não tenha aquela culpa nem aquele poder resta-me apenas um caminho:

— pedir a quem de direito que procure resolver o assunto. Aqui poderia fazer um óptimo serviço a Ex.^{ma} Câmara visto que a estrada é camarária. A Câmara não terá dinheiro, mas tem uma grande força e um grande poder para mandar fazer um projecto e pedir a Lisboa.

No mês de Agosto veio de Coimbra uma camioneta da Câmara para levar as crianças de uma colónia de férias e não quis passar da Ponte das Três Entradas com receio de se estragar nas curvas e buracos. Ora isto nos nossos dias não é de admitir, torna-se escandaloso e ridículo.

A Senhora das Preces hoje marca na região das Beiras. A estrada é transitada por milhares de carros de todos os feitios e categorias. É preciso pois atender à estrada alargando-a e melhorando algumas curvas. As vistas do Goulinho há uma curva perigosíssima (estrada apertada, curva apertada e à beira de um abismo) e é urgente, conveniente e necessário melhorá-la. Entrego o assunto nas mãos da Ex.^{ma} Câmara que não deixará de atender o nosso pedido.

Se deseja que o Santuário de Nossa Senhora das Preces cresça, floresça, se desenvolva e progreda, ajude-o com as suas esmolas e ofertas.

COLCURINHO

A serra é íngreme e escarpada. As suas encostas abruptas e rochosas. Uma fina camada arável alimenta mato semi-seco, pinheiros raquíticos, castanheiros e carvalhos maninhos.

Um caminho sinuoso e estreito embrenha-se através destas encostas onde o vento não pára e as aves não cantam.

Colcurinho, monte estéril, imponente e dominador; guarda avançada das Beiras; lugar de formação moral e religiosa.

Mas apesar da tua esterilidade que mais belo e sonhador quadro se pode encontrar?

Terra de amor e de fé de sonho e felicidade. Canto onde o ar é mais leve e o horizonte mais limpo.

Só pedras, mato, sonhos belos, pensamentos suaves, desejos puros, palavras doces, amor, fé e... Deus.

O corpo queda-se num extase inconscientemente delicioso enquanto a alma se eleva a Deus.

As horas passam...

Aos nossos pés, o mundo volve-se numa labuta infundável; mas até lá nada dela chega. Ali somos só nós e Deus.

O peito arfa suave e levemente enquanto os olhos semi-cerrados fixam o céu azul.

A aragem passa num murmurar constante de cânticos celestiais que os nossos ouvidos profanos não entendem.

O sol, o astro rei, o astro belo, fonte de luz, calor e vida, afaga este canto do mundo que não é mundo este monte que deixa de ser terra para ser sonho.

Bendita sejas tu, ó Pátria amada, que tão belo canto tens nos teus domínios.

Um visitante

Aldeia das Dez

CEMITÉRIO DE VALE DE MACEIRA — As paredes do cemitério de Vale de Maceira encontram-se bastante deterioradas precisando de uma reparação geral. Seria bom que as entidades competentes se lembrassem de no próximo verão lhe dar um arranjo.

ACESSO À IGREJA PAROQUIAL — A nossa igreja é sem dúvida o maior, o melhor e mais belo monumento da nossa freguesia. Mas não tem uma rua em condições. As duas calçadas estão num estado miserável. Não é obra que a Junta faça, mas não deve deixar de se interessar pelo assunto, pedindo à Ex.^{ma} Câmara o auxílio necessário.

Na minha humilde opinião deveria alargar-se a rua do forno, que vai da praça à igreja, deitando a baixo os balcões, pois desta forma já qualquer carro poderia ir ao adro. E porque se não há-de pensar no alargamento do caminho desde o Secolinho à igreja paroquial? Os aldeenses orgulham-se e com razão da sua igreja, mas não se lembram de a tornar acessível aos visitantes. Hoje o quero, posso e mando, está em boas mãos, portanto mãos à obra.

DESPEDIDA — Na impossibilidade de patentear pessoalmente a todas as pessoas o meu reconhecimento, venho por intermédio deste agradecer penhoradamente as atenções e o carinho recebidos de todos, durante a minha estadia em Aldeia, tornando público por este meio toda a minha gratidão. — Maria da Cruz Dias (Pascoal).

Senhora das Preces

— Edição terrena do Paraíso

(Continuado da 1.^a pág.)

Deslumbramento! Gosta desta palavra?

— Nunca tanto como agora! Talvez porque em nenhum outro sítio a achei tão real!

— Lá em baixo é Avó. Conhece?

— Sim, já muito me falaram de tão interessante povoação.

— É uma relíquia histórica da nossa terra e um conjunto admirável de arte, beleza e panorama. Quer um conselho?

— Um dia qualquer desça até lá.

Agradáveis promessas... Eu nunca minto, pois as belezas da minha Região jamais me deixaram mentir!

Isto é a Ponte das Três Entradas.

Quanto à explicação do nome, nada é preciso. Aqui estão as três entradas. O Rio, neste ponto, é muito lindo! Não acha?

— Sim: doce e poético como nenhum outro!

— E a sugestão destes montes? E a canção magoada daquela histórica azenha?

— Tudo maravilhoso!

Lá na cidade não há nada disto.

— Ai é Lisboa?! — Então tem muito que aprender...

Agora, vamos subindo.

A pé é que devia ser, para melhor compreendermos a heroicidade dos que palmilham estes montes, de manhã à noite, na competição alpinista do desporto da Vida! Mas, enfim, sempre é razoável que se aproveitem os benefícios da Civilização. Mas note: esta palavra, não sei bem porquê, inquieta-me um pouco!...

Continuemos.

Isto agora é Aldeia das Dez, de que há pedaço lhe falei. Aldeia tipicamente aldeia, um conjunto pitoresco, com um tom de muita graça nas ruínas íngremes e rochosas que a lançam na subida — gosa, saudável e tranquila, a paz da montanha, a vastidão panorâmica dos horizontes, espreita cá de cima o poético Alva e, orgulhosa e sorridente, indica-nos o caminho...

É fácil: continua-se a estrada. Entretanto vá deitando o olhar em derredor... Aquela imensidão fragosa de tom azulado — agora, que o Sol a faz aproximar mais de nós — é a Serra da Estrela — a montanha mágica Portuguesa, como Alguém já lhe chamou. Por este vale fora corre o Alva, fresco e meigo, contente e manso... Montes e pinhais, telas incomparáveis e impressionantes, a terra a erguer-se numa expressão vulcânica de potência eterna!...

E cá estamos. Que tal?

— Isto, de facto, é formidável!

— Sim, mais que formidável!

...Panorama vasto e grandioso como nenhum outro; aqui temos o lindíssimo Santuário consagrado à Senhora das Preces; ali é a chamada Casa do Santuário, uma espécie de Pousada que instala forasteiros, veraneantes e, em especial, os componentes de Campos de Férias que cá se realizam. Em volta, como vê, um aprazível largo, com óptima sombra projectada pela ramagem frondosa destas históricas árvores. Tudo isto tem o aroma da Paz, do Silêncio, da Grandeza e da Espiritualidade. Uma onda de optimismo nos perpassa, uma doçura aliciente nos perfuma e uma saúde interminável nos anima!

Subamos agora esta escadaria.

Um vasto parque à nossa frente. Mais sombra, mais árvores, mais Grandeza. Por aqui fora se ergue a encosta do Colcurinho...

Eis agora a célebre cadeia de Capelas!

— No género não conheço nada de igual.

— Constitui, sem dúvida, uma Obra de grande Arte. E a paixão religiosa que nela se documentou, denunciando a elevação espiritual do povo que a construiu!

— Sim, isto é uma Obra e uma Lição. Uma Obra de Arte; uma Lição de Espírito.

— Tudo o que vemos é grandioso e inconfundível.

Bem, meu amigo, agora vamos à nossa merenda.

Desçamos à Mata.

Que diz a isto?

— Fascinante!

— Fascinante! Efectivamente, nada aqui falta para uma felicidade espiritual e física completa.

Esta Mata é uma maravilha. Como vê: árvores gigantescas e variadas; passeios quase somente traçados pela Natureza — a primeira Obreira desta maravilha; bancos de repouso espalhados por toda a parte; lagos artisticamente trabalhados; um lençol de sombra estendido por todo o parque; um céu de folhas verdes e de aves, com estrelas azuis dum outro Céu; Paz, Silêncio, Grandeza e Espiritualidade...

— Maravilhoso, de facto. Era disto que eu precisava. A cidade é um enigma e um pesadelo. Aqui, tudo é claro e leve, saudável e carinhoso...

Repousando sobre esta terra abençoada, com a aragem fresca a purificar-nos o corpo, a olhar a folhagem verde e fecunda, entregue a meditações que o silêncio nos dá, longe do mundo e do mal, com oxigénio em excesso nos pulmões e meio adormecido no encanto embalador deste ambiente — tudo para nós é certeza e felicidade, e espontaneamente uma sincera e longa confissão nos sai dos lábios:

Creio em Deus e na Obra majestosa que Ele criou; creio nas maravilhas da Natureza; creio na felicidade eterna da Vida simples e sã; creio no amor; creio no erro dos homens e creio também na sua regeneração!

(Continua na 3.^a pág.)

O nosso Padroado do Oriente

(Continuação)

Com a perda da nossa independência, e com o resfriamento da vida cristã e missionária, motivado pelas leis pombalinas e pelas de Aguiar em 1834, extinguindo as ordens religiosas — leis que foram tão louvadas pelo liberalismo anticlerical — as missões do Oriente ressentiram-se e consequência fatal, a quebra do nosso prestígio como nação civilizadora.

Seguiram-se, então, uma série de lutas diplomáticas entre a Congregação da Propaganda da Fé, que se via na necessidade de limitar o direito de padroado, uma vez que se não cumpriam as obrigações a ele adstritas, e o governo português, que, embora pouco ou nada fizesse pelas missões, mas antes, pelo contrário, impedindo o seu desenvolvimento, desejava continuar com a alta honra de ser padroiro.

Por fim, em 1886, concluiu-se um acordo entre a Santa Sé e Portugal, que, embora sobre todos os aspectos restringisse muitíssimo o Padroado do Oriente, deixou ainda vincado o nosso prestígio, recebendo os arcebispos primazes de Goa o título «ad honorem» de patriarcas, com o direito de presidir aos concílios em toda a Índia.

Padre Ferreira

Assinaturas pagas da

«Voz do Santuário»

Com 10\$00 pagaram a sua assinatura os senhores:

José Nunes Barroja, de Lisboa; José Alves de Campos, do Parente; Armando Guilherme, de Alvoco de Várzeas; D. Natividade da Fonseca, de Alvoco de Várzeas; Manuel Francisco Fernandes, do Cid; José Nunes Antrê, de Coimbra; D. Emília do Desterro, de Pinhel; Francisco Ventura, de S. Gião; João Dias Mendes, do Chão Sobral; José Agostinho Luís, e José Fonseca, da Gramaça; Manuel Augusto Dias, Minas da Panasqueira e deu mais 10\$00 de esmola; Armando dos Santos Abranches, Vide; Manuel João Dias, do Chão Sobral; Augusto Mendes Abranches, de Aldeia das Dez; Hortêncio Correia das Neves, de Oliveira do Hospital; Sérgio Pacheco, do Piódam; Silvestre Nunes da Silva, Sarzedas; D. Elisa Mendes, Goulinho; António Dias dos Santos, Lisboa; José A. Quaresma, Fórnia; Ambrósio Rodrigues, Tapadas; Manuel Diniz Mendes, Lisboa; Manuel Martins, Goulinho.

Albertino Martins, Goulinho, com 12\$50; D. Maria de Lourdes da Silva Baila, de Alvoco, com 15\$00; Lourenço Luís Castanheira, Lisboa, com 15\$00.

Com 20\$00 o Sr. Álvaro Mendes da Costa Ornelas, Tábuia; Arnaldo Tavares Diniz, Angola; D. Emília Moraes Rosa, Lisboa; José Gonçalves Marques, Oliveira do Hospital; D. Rosa Madeira Lobo, Quinta da Costa; D. Maria da Cruz Dias, Lisboa; Alberto Rodrigues, Lisboa; D. Lúcia Moura Portugal, Aveiro; Manuel Pacheco, Lisboa; D. Lucília da Silva Moura, Alvoco de Várzeas; D. Maria Clara Martins, Lisboa; Manuel José Seixas Pereira, Aldeia de Nogueira; D. Maria Cristina, Carnide; José Firmino Madeira, Oliveira do Hospital; Manuel Marques, Lisboa; D. Maria da Ascensão, Lisboa; D. Natividade dos Santos Silva, Lisboa; Carlos Mendes, Lisboa, deu 50\$00 e D. Maria Augusta Marques da Costa, de Lisboa, mandou entregar 90\$00.

Conversando

Ora viva o compadre Crisóstomo.
— Bemvindo seja o compadre João do Val. Então o que é que o traz por esta sua casa?

— Venho trazer-lhe o meu abraço de cumprimentos e saber da sua saúde.

— Quanto eu agradeço e estimo, querido compadre e bom amigo! Faça o favor de entrar.

— Obrigadinho, compadre João, obrigadinho.

— Queira sentar-se. Aqui tem uma cadeira. Faça favor. Provará da nossa geropiga, e entrementes, ao borralho, vamos aquecendo os pés, desenferrujando a língua e cavaqueando um migo.

— Pois seja como o compadre João do Val deseja e manda. Então o compadre já foi ver a nossa linda igreja?

— Ainda não. A semana não tenho tido ocasião e aos domingos também ainda lá não fui.

— Mas nem à missa o compadre tem ido?

— Olhe, depois que a gente vai até às bandas di lá, parece que perdemos o costume... e depois... estou como o outro... isso de missa...

— Querem ver que o compadre já está como aqueles que nem querem saber de Deus nem de coisa alguma!!!...

— Eu, compadre Crisóstomo, não vou à missa nem me confesso por uma razão muito simples: tenho para mim que a Religião é boa para as mulheres e que nós cá, os homens de barba, não temos tempo de andar sempre a correr para as igrejas!

— O compadre, por quem é, não diga uma coisa dessas! Quem lhe meteu isso na cabeça?

Os Mandamentos dizem: — Ouvir missa inteira aos domingos e festas de guarda, mas não obrigam a ir devagar nem depressa. O que eles não dizem é que seja só para as mulheres. De resto, temos liberdade de ir a passo ou a 60 à hora, podemos ir a cavalo, de bicicleta ou de automóvel. Podemos ir calados ou a cavaquear, a rir ou a chorar. Mas ninguém é obrigado a ir em corriaas para a igreja. Isso é bom para aqueles que saem de casa para a Missa só depois de baterem as últimas badaladas: são os que andam sempre a correr e sempre atrasados... Se fosse obrigatório ir sempre a correr para a igreja, nesse caso tinha razão, porque os velhos, os que sofrem do reumatismo ou do coração nunca podiam ir à igreja.

— Está a meter-me no bolso os pés todos quatro, compadre Crisóstomo!

— Salvo seja! Somos irmãozinhos, compadre João do Val! Olhe que tantos pés tenho eu como o meu amigo! Mas nós, graças a Deus, nunca pertencemos à classe dos quadrúpedes. No entanto, desculpe que lhe diga, compadre: — Todo o homem que não pratica a Religião, assemelha-se aos animais. Esses é que nem rezam, nem se confessam, nem vão à igreja e andam gordinhos.

Mas um homem é um homem.

— E um gato é um bicho.

— Sim, compadre; os gatos, os cães, os canários, os pintassilgos e todos os outros animais não precisam de Religião. A igreja não se fez para eles. Mas fez-se tanto para os homens como para as mulheres. E tão segura está a capela-mor como o corpo da igreja. Por isso não tenha medo de lá ir que ela não cai.

— Mas um homem tem mais que fazer! Sempre a tocar o sino! Agora é para a Missa, logo é para o Terço,

amanhã é para a Novena, eu sei lá para que mais!

É por isso que às vezes os sinos racham e a gente que os pague!

— E o compadre também deu alguma coisa para o sino?

— Que remédio! Eles não me saíam da porta... E já se vê, um homem não gosta de fazer má figura.

— Ai tem compadre João. Ajudou a comprar o sino, deve ir à igreja quando ele toca. Também chama por si; não é só pelas mulheres. Ouça mais: não quer fazer má figura quando se trata de concorrer para as despesas da igreja e quer fazer uma figura péssima tratando-se dos nossos deveres para com Deus?

— Tem razão, compadre Crisóstomo; mas vá lá mais uma pingueta de geropiga. Então diga-me cá, como posso eu fazer má figura não indo à igreja? Estou cá na minha que, não indo, não faço figura boa nem má!

— Não é bem assim.

O compadre João faz uma triste figura, porque dá escândalo aos outros. Primeiro aos seus filhos, depois a toda a gente que o não vê na igreja. É uma ofensa a Deus, porque as leis divinas tanto são para as mulheres como para os homens; e é uma ofensa ao próximo, porque todo aquele que pertence a uma sociedade faz má figura se não aparece nos actos dessa sociedade.

— Mas os outros sabem da vida deles e eu sei da minha. E se eu tiver que fazer?

— O trabalho, compadre João, não nos pode dispensar da nossa salvação.

Nossa Senhora das Necessidades

Quem vive nas trevas com angústia, recorra ao Tesouro existente no Cabeço do Colcurinho: O que encontra?

Grande alegria,
Quis dar Maria
À humanidade.
Do Céu descia,
P'ra nossa guia,
Até à eternidade.

Sobe romeiro,
Pelo carreiro,
Que te conduz.
Onde verás,
Rainha da Paz
Que ao mundo deu luz.

No monte elevado,
Diz o sol dourado,
Nesta morada
É aqui que habita
A Virgem Bendita,
Sempre Louvada.

A quem lhes deve
Nada impede
O mau caminho!
P'ra visitar,
A Estrela do Mar,
No Colcurinho.

Agradecidos,
Por recebidos,
Tantos favores.
Ali prostrados,
Em altos brados,
Dando Louvores.

Abençoi Senhora,
Mãe Protectora,
Os filhos teus.
Que para longe seguem,
De Vós se despedem,
Com um terno Adeus.

5-8-952.

Arnaldo Pacheco

Salvar a nossa alma — eis o grande trabalho que viemos realizar neste mundo.

Quem não vai à igreja com protesto de que tem que fazer, é como se dissesse a Deus: «primeiro eu e cá as minhas coisas; Deus que espere! Depois atenderei a Ele, se tiver tempo».

— Não é bem assim. O compadre compreende. Às vezes a gente vê-se impossibilitado de ir à igreja, ainda que queira.

— Pois muito bem. Uma coisa é não poder, outra é não querer e mais faz quem quer do que quem pode.

— O compadre sabe falar que nem um letrado, mas ainda cá fico na minha; lá as mulheres, compreende-se que não faltem; agora os homens têm outra vida...

— Mas, meu caro amigo, não estão dispensados de cumprir os seus deveres para com Deus.

Demais, repare: Deus é um só, para os homens e para as mulheres. Tanto precisam d'Ele os homens como as mulheres. Os mandamentos são tantos para nós como para elas. Tanto se baptizam uns como outros; por isso tanto devem confessar-se e comungar

os homens como as mulheres. Se a Religião é boa para as mulheres também é boa para os homens e se é obrigatória para elas também é para eles.

Jesus Cristo mandou aos apóstolos que pregassem a sua doutrina a toda a criatura, que é tanto o homem como a mulher, e por isso Deus a todos julgará pela mesma lei.

Não acha isto razoável?

— Diz bem, compadre. Mas em paga do seu sermão, vamos lá beber mais um copito.

— Pois vamos, mas não se esqueça destas coisas... Eu sei que o compadre não é desses que falam da religião por maldade...

Simplesmente esqueceu-se do catecismo, nunca mais entrou numa igreja e por isso não conhece os santos.

Não é assim?

— Nem mais, nem menos! Mas sabe que mais?... no domingo, quando for à missa, o compadre passe lá por casa que eu o acompanharei.

— Está dito.

— Então até domingo.

— Cumprimentos lá em casa a todos.

— Muito obrigado.

Senhora das Preces

— Edição terrena do Paraíso

(Continuado da 2.ª pág.)

Compreendo agora bem a famosa tradição que acompanha este lindíssimo local.

— Sim, meu amigo, há muito que se fala desta maravilha. E dia para dia aumenta a admiração por tão privilegiado recanto.

Cada vez vão subindo mais turistas, aumentam de ano para ano as excursões, os campos de férias, as concentrações de religiosos e militantes.

Com efeito, está a ser compreendido o valor turístico desta localidade.

Os ares são os melhores, o retiro é completo, todo o ambiente é esplêndido e apropriado a umas boas férias, a um óptimo passeio, ao restabelecimento do corpo e do Espírito. Ares de altitude, bela água, panoramas inolvidáveis, obras artísticas, paz e silêncio, enfim, um conjunto de coisas que fazem da Senhora das Preces um admirável e qualificado centro de turismo.

No entanto, meu amigo, é também certo que a importância turística do local não está ainda convenientemente explorada.

Para que uma zona de turismo se desenvolva e engrandeça são necessárias duas condições: a primeira — que podemos chamar condição natural — é que a zona se encontre dotada dum certo número de propriedades e elementos naturais que a tornem apta às actividades turísticas; a segunda — que podemos chamar condição político-social — está na intervenção do homem a resolver e solucionar um certo número de problemas e satisfazer certas necessidades que se prendem com a questão económico-social do turismo, sem o que este se não pode praticar intensa e devidamente.

Ora bem. No nosso caso, a primeira condição está perfeitamente preenchida. Quanto à segunda é que estamos longe disso.

Há que satisfazer uma certa escala de necessidades sem o que, embora o turismo se possa fazer, nunca, no entanto, dum maneira apreciável e engrandecedora. Assim, por exemplo, a instalação de pousadas, estalagens, miradouros, balneários, parques infantis; a regularização e comodidade de transportes; facilidade de comunicações telegráficas e telefónicas; criação de postos de assistência médica e de abastecimentos da mais variada ordem; divulgação ilustrada e propaganda regionalista; etc., etc.

Como vê, meu amigo, há muito a fazer.

Senhora das Preces reúne as condições primárias — que são os dotes da Natureza — para vir a ser uma importante zona de turismo. Para tanto há que enfrentar um grande número de necessidades — o que incumbe, em especial, às autoridades centrais e locais.

O primeiro passo seria criar a Comissão Municipal de Turismo e chamar a atenção do Secretariado Nacional de Informação.

E agora, vamos nós fazer um contrato: falemos a todos e onde quer que estejamos das maravilhas da Senhora das Preces, contando a enaltecendo a sua sombra e as suas árvores, os seus parques, a arte e a beleza do Santuário e das Capelas, a grandeza panorâmica das suas vistas, a saúde gratuita dos seus ares e a escalada arrebatadora do Monte para tudo acabar, lá no alto, com o Mundo à vista!

Combinado?

— Combinado.

Oliveira do Hospital.

«Férias Grandes» de 1952.

F. C. N.

Chãs d'Égua (Piódão) e a sua festa anual

Teve lugar nos dias 30 e 31 de Agosto p. passado, em Chãs d'Égua, a festa que os habitantes desta pitoresca aldeia serrana costumam levar a efeito, todos os anos.

A festa este ano revestiu-se de maior brilhantismo e de alto significado religioso.

Os seus promotores e todos os moradores de Chãs d'Égua e a Colónia residente em Lisboa trabalharam com grande actividade para que a sua festa correspondesse aos desejos de todas as pessoas que amam a terra que lhes serviu de berço.

No entanto, aquele espectacular desastre de camioneta, na Moita da Serra, no dia 23 do referido mês e no qual perdeu a vida o nosso saudoso conterrâneo e amigo José Ribeiro, e cujo veículo era guiado por um indivíduo sem carta e sem respeito pela vida do próximo, muito contribuiu para que a festa se não revestisse, ainda de maior brilho.

Às 6 horas do dia 30 para assinalar o início da festa foram lançados ao ar, pelo pirotécnico Sr. Felisberto Ribeiro, grande número de foguetes e morteiros, sendo este material de excelente qualidade.

Às 7 horas chegou a banda de música de S. Gião, convidada para tomar parte nos festejos, sendo-lhe dadas as boas vindas à entrada da povoação, pelos respectivos mordomos que superintendiam na festa. Esta, por sua vez tocou alguns números do seu vasto repertório os quais agradaram bastante à assistência.

Às 9 horas o sino começou a chamar os devotos ao cumprimento do dever, lembrando-lhes que, em breve, se ia dar começo à Santa Missa.

As casas, podemos dizer sem receio de desmentido, ficaram quase sós, pois, rara é a pessoa que tendo saúde não vai assistir às cerimónias religiosas. — Honra lhes seja feita.

O pároco da freguesia, Sr. P.º Ilídio dos Santos Portugal, fez um óptimo sermão, no final da Missa, exortando os fiéis ao cumprimento do dever.

Teve especial brilhantismo a procissão que saindo da capela de S. João Baptista percorreu as principais artérias da povoação e foi circundar a capelinha de Nossa Senhora do Carmo, voltando novamente à primeira capelinha.

A procissão era formada por irmandades, clérigos, andores e ofertas, as quais eram transportadas por jovens e lindas raparigas vestidas com os fatos domingueiros da região, dando-lhes um aspecto ainda mais jovial e esbeltas.

Merece-nos especial referência a maneira como tudo correu bem e ainda o esforço dispendido por todos aqueles que contribuíram com donativos, trabalho e orientação para que a festa correspondesse, de facto, ao que nós todos esperávamos.

Todos os andores se apresentaram muito bem ornamentados e as imagens dos santos estão em bom estado de conservação, especialmente, a de S. João Baptista que foi mandada reparar, em Coimbra, umas semanas antes da festa, a qual se apresenta linda e de bom gosto.

A bandeira que adquiriram recentemente com as imagens de S. João e de Nossa Senhora do Carmo, de cada lado, é de facto, linda, vistosa e de muito bom gosto.

Os habitantes de Chãs d'Égua são

bastante hospitaleiros e muito caprichosos na escolha da ementa para presentear os seus convidados. Por isso, os magarêfes da região não tiveram mãos a medir, abatendo um elevado número de reses todas elas das melhores que havia nos currais.

Com efeito, as mesas apresentaram-se bem fornecidas de comida de excelente qualidade, onde não faltou o tinto de bom paladar para acompanhar o belo cabrito assado e o saboroso presunto da freguesia do Piódão.

Por conseguinte, estão de parabéns todos os moradores de Chãs d'Égua pela forma como souberam proceder, demonstrando mais uma vez o que são capazes de fazer desde que haja união, disciplina e compreensão entre todos.

Aqui lhes rendemos, pois, as nossas sinceras felicitações e enviamos-lhes um muito obrigado pela parte que nos diz respeito.

Lisboa, 12 de Setembro de 1952.

Antonino Lourenço Pacheco

Condições de Assinatura por ano

A *Voz do Santuário* que se publicará uma vez por mês terá duas categorias de assinantes:

Simple assinantes	— 10\$00
Assinantes benfeitores	— 20\$00
Estrangeiro	— 20\$00

REBUSCO...

V

LAGRIMAS

SEU VALOR E SIGNIFICADO

As lágrimas não são apenas a seriedade, a secreção das glândulas dos nossos olhos.

Elas têm um sentido, um valor psicológico e humano.

Ninguém ainda as definiu com tanta agudeza e profundidade como Santo Agostinho, — génio que soube chorar, dizendo: — «as lágrimas são o sangue do coração.»

Se Virgílio, — o terníssimo poeta, — viu que até as coisas insensíveis choram... Nós não podemos deixar de considerar as lágrimas humanas, — senão como sendo a expressão mais fiel, mais autêntica e viva, — do que existe e perdura no fundo das almas.

A eloquência das lágrimas é comunicativa e dominadora. Assim o afirmava, na sublimidade dos seus versos e do seu pensamento, — o velho poeta Horácio!...

— Uma lágrima que brilha, suspensa, nuns sílios, — é revelação expressa duma alma que vem assomar para fora, para o mundo exterior, em toda a ansiedade e nudez.

— Há um episódio na «Divina Comédia», de Dante, de uma beleza inextinguível, que resumiremos:

— Um guerreiro daquela época, — injusto, feroz e sempre prestes a derramar o sangue, — cai numa refrega, gravemente ferido, dentro dum barranco.

Abandonado, sem forças, sem viva alma que lhe preste socorro, — sente a aproximação da morte.

Escabuja, arquejante, na agonia, quando uma lágrima, uma salutar gota de água — uma «lagrimetta» — como o poeta diz na sua língua graciosa, — lhe desliza pela fronte...

E logo um nome, — suavemente

Electrificação de Aldeia das Dez

Prezado conterrâneo:

Situada nas faldas da Serra da Estrela, a linda e pitoresca povoação de Aldeia das Dez, que é a tua e a nossa terra, e uma das mais importantes freguesias do concelho de Oliveira do Hospital, tem direito a ser olhada com o interesse e carinho que merece.

Dotou-a Deus com tantas belezas naturais que, se não é já hoje, poderá vir a ser, num futuro próximo, um grande centro de turismo e de repouso, atendendo a que possui uma das mais belas joias turísticas das Beiras — o Santuário de Nossa Senhora das Preces — e um excepcional clima de altitude.

É, enfim, uma terra privilegiada e apta a tornar-se formosíssima, não só aos nossos olhos, como aos dos que a visitam.

Todavia, há necessidade de a dotar também com os melhoramentos necessários não só ao fomento do turismo, mas ainda à regalia e existência dos seus habitantes.

Nesse sentido, foi recentemente instalado o telefone, pelo qual há já muito todos ansiávamos. Não é necessário enumerar os benefícios que dele colhemos, por serem demais evidentes.

E animados de um extraordinário desejo de continuar a obra que foi iniciada, pensamos em trazer até nós a energia eléctrica.

Muitas dificuldades, porém, terão de ser vencidas para vermos satisfeito este nosso desejo.

O projecto, que já foi elaborado, indica-nos que a quantia a dispendir é de 316.155\$00. Mas para que ele possa pôr-se em prática é indispensável que contribuamos com 130.000\$00, aproximadamente.

Por isso, nos dirigimos a ti, querido conterrâneo, que, longe ou perto, recordas com saudade a terra que te serviu de berço, e apelamos para a tua boa vontade, afim de contribuíres com a cota parte que esteja ao teu alcance. Todos juntos, immanados no mesmo desejo de engrandecer a nossa terra, depressa veremos realizada a nossa tão grande e justa aspiração.

Contamos contigo, e se tens interesse em colaborar na realização deste tão grande empreendimento, poderás dirigir-te a qualquer membro da Comissão abaixo indicada.

Aldeia das Dez, Setembro de 1952.

A Comissão:

Dr. António da Costa de Nazareth Falcão; Eng. Agostinho de Nazareth Diniz Falcão; Padre Mário de Oliveira Brito; José Gabriel Tavares; José João Mendes; António José; José Abranches Diniz; Arnaldo Amaral; Serafim Marques de Araújo; José de Oliveira Brito; António Gabriel dos Santos; Dr.ª D. Isabel Mendes; Dr.ª D. Maria Clara Veloso Branquinho Amaral; D. Amélia Tavares Diniz de Brito; D. Laura Augusta do Amaral; D. Feliciano Hall; D. Eduarda da Silva Oliveira.

doce, lhe acode aos lábios de moribundo:

«Maria! Maria!»

Expirou.

— Nuvens espessas, escuras, pairam no ar. Do bojo do vulcão, ameaçador, um como avegão tenebroso, — um vulto abismal, — rugiu! Vai arrebatrar nas garras aduncas a alma do morto.

Mas, clareia. Faz-se luz no negrume da noite. Uma figura radiante, branca, luminosa, — defronta o monstro. Arranca-lhe, num ímpeto vitorioso, a vítima que, qual avesinha indefesa, se lhe debate nos colmilhos, — dizendo, com intimativa:

— «Não é para ti, sombra de maldição! — É nossa. Pertence ao Céu.

— Porque, morrendo, — pronunciou o nome da Mãe de Deus.

— Derramou uma lágrima de arrependimento que redime, purifica e salva!»

Casal de S. Sebastião — Setembro de 1952.

C. B.

CONCURSO DE ADIVINHAS

Solução da adivinha anterior:

Caravela, cara, vela

Adivinharam, portanto, os senhores Bonifácio dos Reis Gama, de S. Vicente da Beira; Manuel José Lobo Seixas Ferreira, Aldeia de Nogueira; Eduardo António Alves, Lisboa; Aníbal de Sousa, Santa Ovaia; José Nunes André, Coimbra; José Quaresma, Lisboa; Hortêncio de Almeida, Oliveira do Hospital; Telmo de Lemos Lopes, Oliveira do Hospital; António Gonçalves Matias, Relva Velha; António Luís Dias, Vale de Maceira; Manuel Freire dos Santos, Carregado; Manuel Pereira, Santa Ovaia; José Serra, de Algures; Flaviano Nunes Rodrigues, Val do Soito; Manuel Rodrigues Lourosa, Molelos; António de Almeida, Cebola; Manuel Martins de Pinho, Castelões; José Augusto Quaresma, Fórnea; Francisco Lopes Oliveira, Vila Nova do Coito; João Augusto Branco Fontes, Vila Nova de Oliveirinha; Raul dos Santos, Padraão; Amândio Mendes da Costa, Coimbra; D. Mariana Pinheiro Ribeiro, Vila Franca de Xira; D. Ilda de Jesus, Luadas; D. Olinda Correia das Neves, Covas; D. Hermínia Martins Ventura, Oliveira do Hospital; D. Maria da Ascensão, Lisboa; D. Maria dos Anjos Moreira, Barreiro; D. Maria Filomena Mascarenhas, Nogueira do Cravo; D. Maria Laura da Cunha Chaves, Póvoa de Midões; D. Ana de Moura Hall, Coimbra; D. Albertina Quaresma de Macedo, Lisboa; D. Arminda Paula de Miguel Curto, Lisboa; e Olímpia de Figueiredo, Aldeia das Dez.

Alguns concorrentes não deram sinal de vida, ou porque se esqueceram, ou porque não adivinharam, ou porque o postal não chegou cá. Que ninguém fique para trás, são os nossos votos. Não esqueçam que as respostas devem cá estar todas até ao dia 20.

*

6.ª Adivinha

*Sou pequena e redondinha
Até sou de aproveitar
Não sou ovo de galinha
O lume me faz estoirar.*

*Tenho o nome igual à cor
do fato que Deus me deu
Tenhor muito bom sabor
Barata já fui eu.*

Senhores concorrentes, digam para cá até ao dia 20, o que é que é.

HISTÓRIA DO SANTUÁRIO de NOSSA SENHORA DAS PRECES

A venda em Coimbra na «Casa do Castelo», em Oliveira do Hospital, na casa «Júlio dos Santos» e no Santuário